

## Introdução

NO DIA 7 DE MARÇO DE 1916, Theodore Vail chegou ao New Willard Hotel, em Washington, para um banquete em homenagem às suas realizações no sistema Bell.<sup>1</sup> Organizados pela National Geographic Society, os festejos eram de um nível e de uma grandiosidade dignos da visão de futuro que a American Telephone and Telegraph (AT&T) tinha do país.

O salão de jantar do Willard era um verdadeiro ambiente de esplendor, com 20 metros de largura por um quarteirão de comprimento. Num canto, um gigantesco mapa animado mostrava a extensão das “longas linhas” da AT&T. Diante dele havia oitocentos homens em austeros trajes de gala, distribuídos em mesas com telefones individuais. O poder privado misturava-se ao poder público: almirantes da Marinha, senadores, os fundadores da Bell e todos os seus executivos, assim como boa parte do gabinete de Woodrow Wilson. “A elite do país veio dos quatro cantos dos Estados Unidos”, anunciou a revista da Geographic Society, para coroar, “com os lauréis de afeto e admiração, os homens brilhantes cujas realizações haviam tornado possíveis os milagres da ciência que estavam para ser testemunhados.”

Então aos 71 anos, cabelos e bigode brancos, Vail era a encarnação da Bell Company, o Jack Welch\* de sua época, que por duas vezes resgatara a colossal empresa do colapso. Como escreveu Alan Stone, cronista da Bell: “Poucas grandes instituições chegaram a ser marcadas por uma pessoa de maneira tão abrangente quanto a AT&T por Vail.” Ele era admiradíssimo numa época em que muitos titãs de indústrias eram temidos ou detestados. Considerava-se um Theodore Roosevelt do setor privado, misturando

---

\* Jack Welch (1935): químico e engenheiro americano, alto executivo da General Electric entre 1981 e 2001, período em que a empresa era uma das mais prósperas do mundo; escreveu uma série de livros sobre gestão de negócios, dentre os quais *Paixão por vencer*. (N.T.)

seus instintos imperiais ao sentido de dever público. “Nós reconhecemos uma ‘responsabilidade’ e um ‘dever’ de nossa parte em relação ao público”, escreveu Vail, como a voz da AT&T, “o que é algo diferente e maior que a obrigação de outras empresas de serviços públicos não tão entrelaçadas à vida cotidiana da comunidade.” Para o bem ou para o mal, seu gosto pelo grandioso era inequívoco. “Ele não conseguia fazer nada pequeno”, escreveu seu biógrafo, Albert Paine. “Se começasse a construir uma gaiola de esquilos, ela acabaria virando um zoológico.” Thomas Edison referiu-se a ele de forma simples: “O sr. Vail é um grande homem.”<sup>2</sup>

O tema do banquete da Bell era “A voz viaja”. Seria uma empolgante demonstração de que a AT&T planejava interligar os Estados Unidos e o mundo como nunca antes, usando uma maravilha tecnológica que agora achamos normal: chamadas telefônicas a longa distância.

Depois do jantar, os convidados foram instruídos a pegar seus receptores de telefone sobre a mesa. Eles viajaram pela linha até El Paso, na fronteira com o México, onde encontraram o general John Pershing, que depois seria comandante das forças americanas na Primeira Guerra Mundial.

“Alô, general Pershing!”

“Alô, sr. Carty!”

“Como vão as coisas na fronteira?”

“Tudo tranquilo na fronteira.”

“O senhor sabe que está falando com oitocentas pessoas?”

“Não, não sabia”, respondeu o general Pershing. “Se soubesse, teria pensado em algo mais significativo para dizer.”

A plateia estava visivelmente atônita. “Era um milagre da modernidade”, relatou uma publicação. “A voz humana viajava de oceano a oceano, agitando as ondas elétricas de uma ponta a outra do país.”

O grande final foi uma demonstração da mais recente e talvez mais espantosa criação da Bell até então: um “telefone sem fio”, ancestral do nosso celular, do qual a Bell já possuía um protótipo funcional em 1916. Para mostrá-lo, a empresa montou o que pode ser considerada uma das primeiras apresentações em multimídia da história, combinando rádio, fo-

nógrafo, telefone e um projetor de imagens móveis – a mais deslumbrante invenção do início do século XX.

A quilômetros de distância, numa estação de rádio em Arlington, um gravador começou a tocar “The Star-Spangled Banner”. O som chegou, sem fios, até o salão de banquete do Willard e saiu pelos alto-falantes, para que todos ouvissem, enquanto o projetor de imagens móveis lançava uma tremulante bandeira na tela. A combinação de som e imagem “fez com que os convidados se levantassem, o coração batendo mais forte, a alma em chamas de patriotismo e a mente aturdida”. Parecia que a AT&T tinha poderes que se equiparavam aos dos deuses: “Talvez nunca antes, na história da civilização”, opinou a *National Geographic*, “tenha havido exemplo tão impressionante de desenvolvimento e do poder da mente humana sobre as questões do mundo.”

PODE PARECER UM POUCO INCONGRUENTE começar um livro cuja preocupação essencial é o futuro da informação com um retrato de Theodore Vail, o maior monopolista da história da indústria desse setor, concentrando as glórias da mais vital rede de comunicações do país sob um controle absoluto. Afinal, aqueles eram tempos bem diferentes. Nossa rede mais importante hoje, a internet, parece a antítese do sistema da Bell sob o comando de Vail: a primeira é organizada de forma difusa – até caótica –, ao passo que o segundo era um sistema centralizado; ela é aberta a todos os usuários e conteúdos (voz, dados, vídeos etc.), enquanto ele limitava-se a chamadas telefônicas exclusivas para clientes da Bell; propriedade de ninguém versus sistema pertencente a uma empresa privada.

Na verdade, graças a essa característica da internet, no início do século XXI, tornou-se lugar-comum dizer que nossa época não tem precedentes em toda a história, em termos de cultura e comunicação. Hoje a informação circula pelo país e ao redor do globo à velocidade da luz, mais ou menos ao sabor do desejo de quem quiser enviá-la. Como algo se mantém igual depois da revolução da internet? Numa época como a nossa, déspotas da informação como Vail parecem antediluvianos.

No entanto, se olharmos com atenção o século XX, logo descobriremos que a internet não foi a primeira tecnologia da informação a mudar tudo para sempre. Na verdade, houve uma sucessão de mídias abertas e otimistas, mas cada qual, na devida época, tornou-se fechada e controlada por indústrias como a de Vail. Nos últimos cem anos, muitas vezes a mudança radical prometida por novas formas de receber a informação parecia ainda mais drástica que a de hoje. Graças ao rádio, previu em 1929 Nikola Tesla, um dos pais da eletricidade comercial, “o planeta inteiro será convertido num enorme cérebro, por assim dizer, capaz de responder de todos os lugares”. A invenção do filme, escreveu D.W. Griffith nos anos 1920, significa que “crianças em escolas públicas aprenderão quase tudo com imagens em movimento. Sem dúvida nunca mais serão obrigadas a ler livros de história outra vez.” Em 1970, um relatório da Sloan Foundation comparou o advento da televisão a cabo com os tipos móveis: “A revolução agora à vista pode ser nada menos ... pode ser muito mais.” Como observa um personagem de *A invenção do amor*, de Tom Stoppard, passado em 1876: “Todos os períodos acham que são a era moderna, mas o nosso é de verdade.”<sup>3</sup>

Em sua época, cada uma dessas invenções – que deveriam ser o ápice de todas as demais – passou por uma fase de novidade revolucionária e utopismo juvenil: todas iriam mudar nossas vidas, sem dúvida, mas não a natureza de nossa existência. Seja qual for a transformação social que qualquer uma delas possa ter causado, no fim, todas ocuparam seu devido lugar na manutenção da estrutura social em que vivemos, desde a Revolução Industrial. Ou seja, todas se tornaram uma nova indústria altamente centralizada e integrada. Sem exceção, as admiráveis novas tecnologias do século XX – que partiam de uma proposta de uso livre, para o bem de novas invenções e da expressão individual – acabaram se transformando em monstros industriais, nos gigantes da “antiga mídia” do século XX que controlariam o fluxo e a natureza dos conteúdos por razões estritamente comerciais.

A história mostra uma progressão característica das tecnologias da informação: de um simples passatempo à formação de uma indústria; de

engenhocas improvisadas a produtos maravilhosos; de canal de acesso livre a meio controlado por um só cartel ou corporação – do sistema aberto para o fechado. Trata-se de uma progressão comum e inevitável, embora essa tendência mal estivesse sugerida na alvorada de qualquer das tecnologias transformadoras do século passado, fosse ela telefonia, rádio, televisão ou cinema. A história mostra também que qualquer sistema fechado por um longo período torna-se maduro para um surto de criatividade: com o tempo, uma indústria fechada pode se abrir e se renovar, fazendo com que novas possibilidades técnicas e formas de expressão se integrem ao meio antes que o empenho para fechar o sistema também comece a atuar.

A oscilação das indústrias da informação entre posturas abertas e fechadas é um fenômeno tão típico que eu dei um nome a esse processo: “o Ciclo”. Para entender por que isso acontece, precisamos descobrir como as indústrias que comercializam informação são naturais e historicamente diferentes das que se baseiam em outras mercadorias.

Mas esse entendimento, reconheço, não consta dos estudos acadêmicos. Pois se o Ciclo não é apenas um padrão, mas uma inevitabilidade, o fato de a internet, mais que qualquer outra maravilha tecnológica anterior, ter se transformado no tecido de nossas vidas significa que cedo ou tarde estaremos diante de um novo giro na roda da história. Embora a afirmação possa parecer banal, nós realmente vivemos numa sociedade e numa economia baseadas na informação. Nosso passado dependia muito menos da informação que o presente, e essa menor dependência foi utilizada por diversas indústrias da informação. Nosso futuro, contudo, deverá intensificar a realidade presente: uma dependência cada vez maior de informação em todas as questões relativas à vida e ao trabalho, e toda essa informação necessária viajando por uma só rede, que chamamos de internet. Se a internet – cuja abertura, nos tempos que correm, se tornou um meio de vida – se demonstrar sujeita ao Ciclo, como todas as redes de informação anteriores, as consequências práticas serão estarrecedoras. E já há sinais de que estão acabando os bons e velhos tempos da rede totalmente aberta.

Para entender as forças que ameaçam a internet na forma como nós a conhecemos, precisamos compreender como as tecnologias da informação

levam ao surgimento de indústrias, e como as indústrias se transformam em impérios. Em outras palavras, cumpre entender a natureza do Ciclo, sua dinâmica, o que o faz funcionar e o que pode detê-lo. Como em qualquer teoria econômica, não há laboratórios, só as experiências do passado.

Iluminar o passado para antecipar o futuro é o objetivo deste livro. Mais para o fim, veremos por que a história começa com Theodore Vail. Pois foi no sistema Bell que Vail fundou uma rede de informação seminal, cujas suposições funcionais e ideologia influenciaram toda a indústria da informação que veio a seguir.

VAIL FOI APENAS UM dos muitos oradores naquela noite, no Willard, que ainda apresentou Alexander Graham Bell e Joseph Daniels, secretário da Marinha. Mas, entre todos aqueles homens importantes, Vail possuía um tipo específico. Pois era dele a noção de monopólio esclarecido nas comunicações, que dominaria o século XX, ideia que na verdade nunca deixou de exercer seu poder de atração, mesmo que poucos admitam seu resistente apego a ela. Vail acreditava que era possível construir um sistema perfeito, e dedicou a vida a essa tarefa. Seus esforços e a história da AT&T são em si mesmos um testamento das possibilidades e dos perigos de um império da informação. Como veremos, este enigma foi formulado por figuras como Vail, a maior delas, decerto, mas ele representa apenas a primeira de uma extensa linhagem de indivíduos que quiseram controlar as comunicações para seu próprio bem – a grande preocupação deste livro.

Embora fossem novas nas comunicações, as ideias de Vail eram próprias de sua época. Ele chegou ao poder num período em que tamanho e velocidade eram adorados (o *Titanic* figurou entre os exemplares menos bem-sucedidos desse ideal), no qual prevalecia uma forte crença na perfeição humana e em um projeto único e otimizado do sistema. Aquelas foram as últimas décadas da utopia vitoriana, uma era de fé no planejamento tecnológico, na administração científica e no condicionamento social, que viu o surgimento da eugenia, da “administração científica”, de Frederick Taylor, do socialismo e do darwinismo, para mencionar apenas algumas

correntes díspares do pensamento sistematizado. Naqueles dias, acreditar na capacidade do homem para aperfeiçoar as comunicações estava longe de ser uma ideia fantástica. Em certo sentido, a extensão do pensamento social de Vail para a indústria se coadunava com as linhas de montagem de Henry Ford, assim como sua visão de um império nas comunicações se harmonizava com o Império Britânico, onde o sol nunca se punha.<sup>4</sup>

O sonho de Vail, de uma indústria perfeita e centralizada, foi reflexo de outra noção também contemporânea. Pode parecer estranho aos nossos olhos, mas Vail, um capitalista de mão cheia, rejeitava totalmente o conceito de “concorrência”. Ele passou por experiências profissionais que envolveram monopólios e competição em épocas diferentes, mas achava que o monopólio, quando mantido nas mãos certas, era um arranjo superior. “Competição significa *disputa*, guerra industrial”, escreveu, “representa contenção; com frequência, é o mesmo que tirar vantagem ou apelar para os meios que a consciência dos concorrentes... permitir.” Seu raciocínio era moralista: a competição conferia uma imagem negativa aos negócios norte-americanos. “Os atos cruéis associados à competição agressiva são responsáveis por muito, se não por tudo, da atual oposição pública aos negócios, em particular aos grandes negócios.”<sup>5</sup>

Adam Smith, cuja visão do capitalismo foi sacralizada nos Estados Unidos, acreditava que motivos individuais egoístas podiam produzir bens coletivos para a humanidade, graças à intervenção da “mão invisível”. Mas Vail não acreditava nisso. “A longo prazo ... o público como um todo nunca se beneficiou da competição destrutiva.” O fator-chave dos mercados eficientes, para Smith, era para Vail causa de desperdício. “Todos os custos de uma competição agressiva e descontrolada acabam sendo pagos, direta ou indiretamente, pelo público.” Segundo essa visão heterodoxa do capitalismo, partilhada por homens como John D. Rockefeller, os titãs corporativos apropriados – os monopolistas –, em cada indústria, podiam e deveriam confiar que fariam o melhor para o país.<sup>6</sup>

Mas Vail ainda atribuía ao monopólio um valor que ia além da mera eficiência, algo que brotou de seu grande idealismo pessoal. Com a segurança dos monopólios, acreditava Vail, o lado sombrio na natureza hu-

mana diminuiria, deixando emergir a virtude natural. Ele vislumbrava um futuro livre das formas de lutas darwinianas do capitalismo, nas quais corporações organizadas em base científica, dirigidas por homens bons, em íntima cooperação com o governo, serviriam aos melhores interesses do público.

Em *Minha vida e minha obra*, Henry Ford escreveu que seus automóveis eram “a prova concreta do funcionamento de uma teoria dos negócios” – da mesma forma que o sistema da Bell era a realização das ideias de Vail a respeito das comunicações. A AT&T estava construindo um monopólio privado, mas expressava um sincero comprometimento com o bem público. Erigia a maior rede de comunicações do mundo e prometia levar linhas telefônicas a todos os americanos. Vail desejava

*um sistema de fiação universal para as transmissões elétricas de informação (comunicação escrita ou pessoal) de cada um, em qualquer lugar, para qualquer um, em qualquer outro lugar, um sistema tão universal e abrangente quanto o de rodovias do país, que se estende da porta de cada um para a porta de outro.*

Como ele previu corretamente naquele jantar, um dia “seremos capazes de telefonar para qualquer parte do mundo”.<sup>7</sup>

Quando falou no banquete da *National Geographic*, Vail só tinha mais quatro anos de vida. Contudo, já havia formulado uma ideologia – a ideologia da Bell – e construído um sistema de comunicações que influenciaria profundamente a maneira como as pessoas falavam a distância, mas também o formato das indústrias de televisão, rádio e cinema: em outras palavras, todos os novos meios de comunicação do século XX.

PARA AVALIAR A ESPECIFICIDADE com que a ideologia de Vail moldou o curso da telefonia e de todas as posteriores indústrias da informação – atendendo, por assim dizer, à fonte espiritual do Ciclo –, é necessário contar algumas histórias sobre a empresa dele e outras. Há tanto a ser narrado que se poderia escrever um volume a respeito de cada uma – muitos já



foram escritos. Mas este livro vai se concentrar na narração dos pontos de virada no panorama da informação no século XX: nos momentos específicos e decisivos em que um meio se abre ou se fecha. Há um padrão observável. A cada par de décadas, surge uma nova tecnologia da comunicação, cheia de promessas e possibilidades brilhantes. Ela inspira uma geração inteira a sonhar com uma sociedade melhor, com novos modos de expressão, formas alternativas de jornalismo. Porém, cada nova tecnologia acaba sempre por revelar seus pontos fracos, seus caprichos e limitações. Para os consumidores, a novidade tecnológica pode se desgastar, dando margem a diversas insatisfações com a qualidade do conteúdo (que pode tender ao caótico ou ao vulgar) e com a confiabilidade ou segurança do serviço. Do ponto de vista da indústria, uma invenção pode inspirar outras insatisfações: uma ameaça aos rendimentos dos canais de informação existentes, e que a nova tecnologia torna menos essenciais, se não obsoletos; a dificuldade de comercializar (isto é, de transformar em algo vendável) o potencial da tecnologia; ou muitas variações nos padrões ou protocolos de uso, dificultando a venda de um produto de alta qualidade que resolva as insatisfações dos consumidores.

Quando esses problemas atingem uma massa crítica, tornando evidente a possível queda de ganhos substanciais, a mão invisível do mercado acena com um grande magnata como Vail (ou um bando deles), que promete um regime mais organizado e eficiente, a fim de melhorar a vida de todos os usuários. De hábito aliado ao governo federal, esse tipo de magnata é especial, pois define um novo tipo de indústria, integrado e centralizado. Ao oferecer um produto melhor ou mais seguro, o magnata alardeia uma idade de ouro na vida da nova tecnologia. No cerne da ideia jaz uma aprimorada máquina para prover um retorno estável do capital. Em troca de manter a hora exata de partida dos trens (arriscando uma comparação extrema), ele ganha certo controle sobre o potencial da mídia, de possibilitar a expressão individual e a inovação técnica – controle com o qual os inventores jamais sonharam, mas que é necessário para sua autopreservação, assim como dos lucros decorrentes da centralização. Isso também é o Ciclo.

COMO AS HISTÓRIAS dessas indústrias individuais acontecem simultaneamente, e nosso propósito principal ao recontá-las é observar o funcionamento do Ciclo, a narrativa está organizada da seguinte maneira:

A Parte I traça a gênese dos impérios culturais e de comunicações – a primeira volta do Ciclo –, e mostra como cada uma das novas indústrias da informação do século XX – telefonia, transmissão de rádio e cinema – evoluiu a partir de uma invenção.

Nos anos 1940, todas as novas indústrias da informação, nos Estados Unidos e em outras partes, chegaram a uma forma estabelecida, consolidada e aparentemente duradoura, ao excluir todos os que nela pretendiam ingressar. As comunicações por rede de fios se tornaram domínio exclusivo do sistema Bell. As grandes redes, a NBC e a CBS, mandavam nas transmissões de rádio e, enquanto isso, com a ajuda da Federal Communications Commission (FCC), se preparavam para lançar sua própria imagem numa nova mídia chamada televisão. Ao mesmo tempo, os estúdios de Hollywood apertavam o torniquete em todos os segmentos do setor cinematográfico, dos talentos aos exibidores. Os estúdios de Hollywood cerravam as cadeias em torno de todos os integrantes do setor de cinema, dos atores à distribuição.

Na Parte II, vamos nos concentrar na consolidação do império da informação, em geral apoiado pelo Estado, e em suas consequências, em particular sobre a força vital da liberdade de expressão e as inovações técnicas. Pois se, por um lado, temos razão em sentir certo espanto com o que as indústrias da informação conseguem realizar graças às colossais estruturas centralizadas criadas durante os anos 1930, devemos perceber também que esse mesmo período foi um dos mais repressivos na história dos Estados Unidos em relação a novas formas e ideias.

Porém, como já dissemos, tudo que é centralizado pode também se tornar alvo de ataques – a outra metade do Ciclo. Às vezes isso toma a forma de uma inovação tecnológica que rompe as defesas e transforma-se na base de uma indústria insurgente. O advento do computador pessoal (PC, personal computer) e a posterior revolução da internet por ele favorecida são dois exemplos desse tipo de mudança no jogo. O mesmo

ocorreu com a emergência da televisão a cabo, ainda que sem o véu romantizado da invenção. Mas às vezes não é uma invenção – ou não só uma invenção – a mover o Ciclo, e o governo federal de repente assume o papel de matador de gigantescos cartéis e monopólios da informação que ele havia tolerado por muito tempo. Na Parte III, analisamos as formas pelas quais a força repressiva do monopólio da informação é rompida depois de décadas.

Durante os anos 1970, todos os grandes impérios da informação do século XX foram seriamente ameaçados ou desmembrados, se não completamente explodidos, resultando em um novo período de abertura. Aí ocorreu mais uma volta do Ciclo. Os resultados sem dúvida foram revigorantes, tanto para o comércio quanto para a cultura. Porém, assim como o robô assassino T-1000 de *O exterminador do futuro 2*, esses poderes dilacerados se reconstituíram, ora em formas incrivelmente semelhantes (como a AT&T), ora disfarçados como novas espécies corporativas chamadas conglomerados (como a vingança dos radiodifusores e de Hollywood). Na Parte IV veremos como a indelével atração pelo tamanho e pela escala que originou leviatãs da informação na primeira metade do século disseminou uma nova geração, na segunda metade.

No limiar do século XXI, estará completo o segundo grande fechamento. A única exceção na hegemonia dos monopólios da informação do passado será uma nova rede para acabar com todas as outras. Enquanto o resto já estava consolidado, os anos 1990 assistiam à chamada revolução da internet – ainda que, em meio a seu crescimento explosivo, ninguém conseguisse enxergar a indomável abertura que o novo meio iria provocar. Será que a internet renunciaria um reinado de abertura industrial sem fim, abolindo de vez o Ciclo? Ou será que, apesar de seu projeto radicalmente descentralizado, se tornaria, com o tempo, o próximo alvo lógico das insuperáveis forças do império da informação, objeto da mais pomposa das centralizações já realizadas? A Parte V nos leva até essa questão final, cuja resposta ainda é objeto de conjectura, e para a qual – como eu argumento – nosso melhor apoio é a história.

AO LER TUDO ISSO, você pode ponderar: “O que eu tenho a ver com isso?” Afinal, o fluxo de informação é invisível, e sua história não tem o imediatismo emocional da Segunda Guerra Mundial ou de um movimento pelos direitos civis, por exemplo. Independentemente do destino dos impérios da informação, a vida continua. Quase ninguém viu um problema nacional no fato de um episódio especial do seriado *I Love Lucy* atrair mais de 70% dos lares americanos nos anos 1950. No entanto, assim como o clima, o fluxo de informação define a nota básica do nosso tempo, o ambiente em que as coisas acontecem e, em última análise, o caráter de uma sociedade.

Às vezes é preciso um estrangeiro para tornar tudo mais evidente. Viajando num barco a vapor da Malásia para os Estados Unidos, em 1926, um jovem escritor inglês chamado Aldous Huxley encontrou algo interessante na biblioteca do navio, um volume de *Minha vida e minha obra*, de Henry Ford.<sup>8</sup> Lá estava a história vívida do projeto de Ford para novas técnicas de produção em massa e gigantescas fábricas centralizadas, de eficiência sem precedentes. Lá estavam também as ideias dele a respeito de coisas como a igualdade humana: “Não pode haver maior absurdo nem maior desserviço para a humanidade em geral que a insistência em que todos os homens são iguais.”<sup>9</sup> Mas realmente interessou a Huxley, o futuro autor de *Admirável mundo novo*, o fato de Ford acreditar que seus sistemas poderiam ser úteis não só para fabricar automóveis como também para todas as formas de organização social. Como escreveu Ford: “As ideias que pusemos em prática têm aplicações mais abrangentes – sem qualquer relação com a fabricação de automóveis ou tratores, mas refletindo algo da natureza de um código universal. Tenho certeza de que é um código natural.”

Quando Huxley chegou aos Estados Unidos com as ideias de Ford na cabeça, ele percebeu algo intrigante e aterrorizador: o futuro de Ford já se tornava realidade. Os métodos de produção de aço e a linha de montagem dos automóveis tinham sido importados pelas indústrias da cultura e da comunicação. Huxley testemunhou, nos Estados Unidos de 1926, protótipos de estruturas que ainda não haviam chegado ao resto do mundo: as primeiras redes comerciais de rádio, o surgimento de estúdios para

produção de filmes e um poderoso monopólio privado das comunicações chamado AT&T.

Quando voltou à Inglaterra, Huxley escreveu em um ensaio para a *Harper's Magazine* chamado "The outlook for American culture": "O futuro dos Estados Unidos é o futuro do mundo." Huxley tinha visto esse futuro e estava um tanto desanimado com ele. "A produção em massa é admirável quando aplicada a objetos materiais", escreveu, "mas não é tão boa quando aplicada às questões do espírito."<sup>10</sup>

Sete anos depois, essas questões do espírito ocorreriam a outro estudioso da cultura e teórico da informação. "O rádio é o intermediário mais influente e importante entre o movimento espiritual e a nação", escreveu Joseph Goebbels, de maneira bem astuta, em 1933. "Acima de tudo", continuava, "é claramente necessário centralizar todas as atividades do rádio."<sup>11</sup>

É uma verdade incontestável, embora não reconhecida, que, assim como você é o que come, o que você pensa ou a maneira como pensa dependem da informação a que estiver exposto. Como você ouve as vozes dos líderes políticos? De quem é a dor que você sente? De onde vêm suas aspirações, seus sonhos de uma vida boa? Tudo isso provém de um ambiente de informação.

Meu empenho em analisar essas questões é também o esforço para entender as realidades práticas da liberdade de expressão, em contraste com sua vida teórica. Às vezes podemos entender que estudar a Primeira Emenda equivale a estudar a liberdade de expressão, mas isso é apenas uma pequena parte do quadro geral. Os americanos idealizam o que o juiz Oliver Wendell Holmes chamou de "mercado de ideias", um espaço onde, por direito, qualquer integrante da sociedade é livre para mascatear seu credo. Porém, a forma ou mesmo a existência de qualquer mercado depende totalmente da estrutura das indústrias culturais e da informação. Às vezes lidamos com estas últimas como se elas fossem iguais às outras, mas não são, pois suas estruturas determinam quem será ouvido. Nesse contexto, Fred Friendly, ex-presidente da CBS News, deixou claro que, antes de qualquer pergunta a respeito da liberdade de expressão, deve-se perguntar "quem controla a chave geral".

A inspiração imediata deste livro é minha vivência no seio da grande onda de otimismo criada pelo surgimento de tecnologias da informação, no fim do século XX e início do XXI, um sentido de idealismo e oportunidade quase utópicos. Eu participei dessa sensação trabalhando no Vale do Silício e escrevendo a esse respeito. Mas sempre achei forte demais essa insistência em que vivemos numa época sem precedentes. Na verdade, já estivemos no lugar em que agora nos encontramos, apesar dos inúmeros disfarces. Por isso, para tornar o século XXI um tempo melhor, é importante entender o desenvolvimento e o destino das tecnologias do século XX.